

ARTHUR CONAN DOYLE

AS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

Prefácio da escritora
Maria do Rosário Pedreira

OBRA DE REFERÊNCIA
Leitura
recomendada
3.º ciclo



Índice

Prefácio

– 7 –

Aventura 1

Um Escândalo na Boémia

– 11 –

Aventura 2

A Liga dos Ruivos

– 44 –

Aventura 3

Um Caso de Identidade

– 76 –

Aventura 4

O Mistério do Vale de Boscombe

– 100 –

Aventura 5

Os Cinco Carços de Laranja

– 134 –

Aventura 6

O Homem do Lábio Torcido

- 160 -

Aventura 7

A Aventura do Carbúnculo Azul

- 190 -

Aventura 8

A Aventura da Faixa Malhada

- 217 -

Aventura 9

A Aventura do Polegar do Engenheiro

- 250 -

Aventura 10

A Aventura do Solteiro Nobre

- 276 -

Aventura 11

A Aventura da Coroa de Berilos

- 304 -

Aventura 12

As Faias Cor de Cobre

- 335 -

Prefácio

Conhecer, observar e deduzir

Faltava apenas um ano para o nascimento do grande poeta português Fernando Pessoa (1888–1935) — que aqui evoco por ter sido também um grande apreciador de mistérios —, quando se estreou como detetive o protagonista destas 12 aventuras que tens agora entre mãos: o grande Sherlock Holmes, cavalheiro britânico imensamente perspicaz que, com os seus maravilhosos talentos, conseguia envergonhar a Scotland Yard (a polícia de Londres) descobrindo os culpados dos crimes antes dos agentes.

Porém, enquanto Fernando Pessoa existiu mesmo (e não apenas por se chamar «Pessoa», bem entendido), o dito Holmes nunca passou da categoria de personagem, embora muita gente acreditasse que se tratava de alguém que andava disfarçado pelas ruas da capital inglesa a investigar todo o tipo de delitos. Mas não: foi uma invenção sublime de um médico escocês chamado Arthur Conan

Doyle, senhor com tanto tempo livre que, além de policiais, escreveu romances históricos, ficção científica, teatro, poesia, livros de espiritismo e muito mais. No entanto, quem o tornou famoso foi mesmo o Sherlock Holmes.

A figura do detetive (que é representada em algumas adaptações cinematográficas e televisivas com um chapéu de fazenda aos quadrados e a fumar cachimbo — mas não encontrarás neste livro qualquer descrição desses adereços) foi inspirada num cirurgião que Conan Doyle teve como professor na universidade: um homem chamado Joseph Bell, que era um verdadeiro prodígio a fazer diagnósticos. Bastava observar um paciente, mesmo que de relance, para o Dr. Bell perceber de que doença padecia; e, com um nadinha mais de atenção, era também capaz de adivinhar donde era, o que fazia, a que classe social pertencia e até muitos dos seus traços de personalidade. Consta que olhava para as mãos de uma pessoa e a maneira como andava e se vestia e logo tirava conclusões que deixavam toda a gente de cara à banda... Porque acertava em cheio, claro!

É assim também que se comporta o nosso Sherlock Holmes neste livro que, arrisco-me a dizer, te vai deixar muitas vezes espantado e de boca aberta, tal como acontece, aliás, ao próprio narrador das aventuras, o Dr. Watson, que alguns creem ser o «alter ego» de Conan Doyle (se não conheces a expressão «alter ego», digo-te, para simplificar, que o autor arranjou maneira de se meter nas suas próprias histórias vestindo a pele da personagem).

Watson é amigo íntimo de Holmes e tem por ele uma admiração incondicional, sendo um dos poucos a acreditar que, por detrás da arrogância do detetive, existe um coração nobre e leal batendo

no seu peito (mas, lendo as aventuras, não sei se podemos dar-lhe razão, embora Sherlock se mostre vagamente humano diante da recordação de Irene Adler, a única mulher que lhe passou a perna). Há, mesmo assim, que perdoar a cegueira de Watson: afinal, ele e Holmes foram companheiros de casa durante muitos anos, no número 221 B da Baker Street (onde, ficas a saber, nos nossos dias existe um museu dedicado precisamente a Sherlock Holmes); e, mesmo depois de se ter casado e, portanto, deixado Holmes sozinho naquela morada, Watson vai visitá-lo sempre que pode, pois adora vê-lo desenvolver os seus dons de observação e dedução nos bicudíssimos casos que se lhe apresentam e que ele resolve sempre em três tempos e duas penadas.

Vêm pedir ajuda a Holmes pessoas de todas as naturezas, proveniências, idades e estratos sociais; de reis a mendigos (mesmo que falsos, como irás comprovar), ninguém está livre de ser envolvido numa encrenca, ver um segredo seu prestes a ser revelado, receber uma ameaça terrível numa carta vinda de longe, ou ser simplesmente enganado por alguém mais esperto ou mais experiente (as pobres raparigas pelos padrastos, por exemplo). E, nestas 12 aventuras, há clientes que chegam à Baker Street sabendo que têm alguma culpa da chantagem de que estão a ser alvo (como o rei da Boémia), mas também há outros mais ingênuos, que aparecem só porque lhes ofereceram um emprego demasiado bom e ficam desconfiados (como o engenheiro hidráulico que precisa mesmo do dinheiro, mas receia estar a dar cobertura a um malfeitor). Venha, porém, quem vier a casa do detetive para lhe solicitar conselho ou auxílio, a graça toda está em que o genial Holmes quase nem precisa de que abram a boca e digam quem são: a lama nas botas,

o cheiro a tabaco, um floco de neve a derreter-se na manga do casaco, um botão descosido, resíduos de pólvora na costura de uma luva — tudo isso lhe serve para fazer um retrato fiel do cliente que quer contratar os seus serviços.

Mas não nos iludamos, porque, em matéria de investigação criminal, não há milagres. Para se poderem deduzir verdades a partir da simples observação de alguém ou de alguma coisa, para se poder ser uma máquina de raciocinar que nunca falha como é Sherlock Holmes, além do talento inato, do método científico e da lógica dedutiva (que ajudam muito), é fundamental uma coisa chamada conhecimento ou, se preferires, cultura. E, no caso do herói deste livro, essa cultura é vasta e variada (se estiveres com atenção, verás que Holmes está sempre a ler jornais ao longo destas páginas e tem a sua casa forrada de livros). Portanto, apesar do seu inegável faro (intuição, instinto, chama-lhe o que quiseres), só sendo muito culto, estudioso e informado é que Sherlock Holmes consegue ligar todas as pontas soltas e dar aquele nó que lhe permite solucionar o mais complexo dos casos. Essa é também a lição que podemos tirar destas aventuras: nada se consegue por sorte ou por acaso — ler é mesmo essencial.

Maria do Rosário Pedreira

Aventura 1

Um Escândalo na Boémia

I

Para o Sherlock Holmes, ela é sempre *a* mulher. Raramente o ouvi referir-se a ela de outro modo. De acordo com a sua opinião, ela ofusca e está acima de todas as outras mulheres. No entanto, ele não estava apaixonado pela Irene Adler. Todas as emoções — e em particular o amor — aborreciam de morte a sua mente fria e precisa, mas admiravelmente equilibrada. Penso que ele era a mais perfeita máquina de raciocínio e observação que o mundo jamais viu, mas o campo do amor não era o seu forte. Nunca falava de sentimentos, a não ser por troça e com desdém. Adorava observá-los nas outras pessoas, porque lhe permitiam descobrir o que motivava as ações humanas. Porém, para um pensador tão experiente quanto ele, admitir tais intrusões no seu temperamento refinado e regular acrescentar-lhe-ia um fator de perturbação que

poderia originar dúvidas em todas as suas conclusões mentais. Para uma natureza como a sua, um grão de areia num instrumento delicado ou uma fissura numa das suas poderosas lentes não seriam mais destrutivos do que uma emoção intensa. E, no entanto, para ele existia apenas uma mulher, e essa mulher era a falecida Irene Adler, de memória ambígua e discutível.

Não o tenho visto muito nos últimos tempos. O meu casamento levou-nos a um afastamento. A minha felicidade e os afazeres domésticos de um homem a montar casa com a sua mulher absorveram toda a minha atenção. Por outro lado, o Holmes, que é um boémio e odeia todo o género de vida em comum com outros, continuou na nossa antiga casa na Baker Street, onde vivia enterrado no meio dos seus livros antigos. Numa semana entregava-se ao consumo de uma droga e à apatia que a mesma lhe causava, na seguinte, à sua grande ambição, movida pela energia imparável do seu carácter. Dedicava-se, como sempre, à análise de crimes, e dava uso às suas imensas capacidades intelectuais e ao seu poder de observação ao seguir pistas e resolver mistérios que a polícia oficial não conseguia solucionar. De vez em quando, ouvia falar, por alto, das suas façanhas: de como o haviam chamado a Odessa por causa do homicídio de Trepoff, de como resolvera a invulgar tragédia dos irmãos Atkinson em Trincomalee e, por fim, da missão que cumprira com tanta sensibilidade para a família real holandesa. Contudo, pouco mais sabia acerca do meu antigo amigo e companheiro além destes sinais de atividade que eram, no fundo, partilhados com todos os leitores dos jornais diários.

Na noite de 20 de março de 1888, de regresso de uma consulta domiciliária a um paciente (porque tinha então regressado à prática

médica privada), dei por acaso por mim na Baker Street. Ao passar pela porta que eu conhecia tão bem, e que mentalmente vou associar sempre ao meu namoro e aos incidentes sinistros do Estudo em Vermelho, fui tomado pelo forte desejo de rever o Holmes e de saber como estava a aplicar as suas capacidades fantásticas. Os seus aposentos estavam muito iluminados e, ao olhar para cima, vi a sua silhueta alta e magra passar duas vezes por trás da cortina. Caminhava a passo rápido e com ansiedade pelo quarto; estava cabisbaixo e mantinha as mãos atrás das costas. Como eu conhecia na perfeição todas as suas disposições e hábitos, aquela postura confirmou-me que ele voltara ao trabalho. Tinha acordado das suas alucinações e estava a tentar resolver algum problema novo. Toquei à campainha e, depois de abrirem a porta, acompanharam-me à sala que, antigamente, fora de certa forma também minha.

Não me recebeu com grande alegria — não fazia o seu género. Mas acho que ficou contente por me ver. Quase sem dizer uma palavra, mas com um olhar terno, fez-me sinal para que me sentasse numa poltrona, atirou-me a sua charuteira e apontou para duas garrafas, uma com uma bebida alcoólica e a outra com água tónica. Depois, pôs-se diante da lareira e observou-me com o seu invulgar método introspetivo.

— O casamento tem-lhe feito bem — comentou ele. — Watson, acho que engordou mais de três quilos desde a última vez que o vi.

— Só três! — respondi.

— Bem, bem, eu diria que foi um pouco mais. Só um pouquinho mais, acho, Watson. E vejo que voltou a exercer medicina. Não me disse que pretendia voltar a trabalhar como médico.

— Pois não. Assim sendo, como é que o sabe?

— Vejo-o, deduzo-o. Como é que eu sei que se tem molhado bastante nos últimos tempos e que tem uma criada muito desastada e pouco cuidadosa?

— Meu caro Holmes — disse eu —, isso é demais. De certeza que o queimavam como se de uma bruxa se tratasse se tivesse nascido alguns séculos antes. Sim, é verdade que na quinta-feira fui passear no campo e regressei a casa num estado lamentável. Mas, como troquei de roupa, não estou a ver como pode ter deduzido isso tudo. Quanto à Mary Jane, a criada, também está certo. É imprestável, não tem salvação, e a minha mulher já a avisou que um dia destes a põe no olho da rua. Mas, uma vez mais, não entendo como o deduziu.

Ele riu para consigo e esfregou as suas mãos compridas e nervosas uma na outra.

— Ora, não podia ser mais simples — disse ele. — Os meus olhos dizem-me que o couro do seu sapato esquerdo apresenta seis cortes quase paralelos. Esses cortes foram, claro, feitos por alguém que raspou, de forma muito descuidada, as bordas da sola, a fim de lhe arrancar lama seca. Daí que eu tenha deduzido que fez uma caminhada com mau tempo e que arranjou uma criada particularmente incompetente a engraxar calçado. E, quando um cavalheiro entra nos meus aposentos a cheirar a iodofórmio, com uma marca negra de nitrato de prata no indicador direito e um alto no lado direito do chapéu, onde esconde o estetoscópio, eu seria muito estúpido se não percebesse que exerce ativamente a profissão médica.

Não pude deixar de rir perante a facilidade com que me explicou todo o seu processo dedutivo.

— Quando o ouço a enumerar as bases do seu raciocínio — disse —, parece-me tudo tão estupidamente simples a ponto de eu próprio o poder concluir. Mesmo assim, os passos do seu raciocínio deixam-me sempre espantado, e a perplexidade só desaparece quando me explica o processo em pormenor. E, no entanto, tudo me leva a crer que não vejo pior do que o Holmes.

— Sim, é verdade, não vê pior do que eu — respondeu ele, acendendo um cigarro e sentando-se numa poltrona. — Vê as coisas, mas não as observa, e é esse o problema. Por exemplo, viu muitas vezes os degraus entre o corredor e este quarto, certo?

— Sim, vi-os muitas vezes.

— Quantas?

— Bom, centenas de vezes.

— E quantos degraus são?

— Quantos? Não sei.

— Pois não sabe! Porque não os observou. E, contudo, viu-os. É aí que quero chegar. De minha parte, sei que há 17 degraus, porque os vi e observei. Já agora, como aprecia estes pequenos problemas, e como tem habilidade suficiente para narrar uma ou duas das minhas experiências banais, vou contar-lhe algo que talvez lhe interesse. — Ele atirou-me uma folha de papel grossa cor-de-rosa que se encontrava em cima da mesa. Prosseguiu: — Recebi-a com a última correspondência. Leia-a em voz alta.

A carta não apresentava data, assinatura nem morada de remetente.

— *Hoje, às oito menos um quarto da noite* — comecei a ler —, *receberá a visita de um senhor que deseja consultá-lo sobre um assunto da maior importância. A assistência que recentemente prestou a uma casa*

real europeia demonstrou que se pode, com toda a segurança, confiar-lhe assuntos da mais extrema relevância. E por fonte segura isso foi-nos confirmado. Esteja, portanto, em casa à referida hora e não estranhe se o seu visitante usar uma máscara.

» Um verdadeiro mistério — concluí. — E então, qual será o assunto?

— Ainda não tenho informações que mo permitam dizer. Fazer deduções e teorias sem se ter informação é um erro grave. Sem se dar por ela, começa-se a distorcer os factos, para que se adequem às teorias, em vez de ser ao contrário. Mas o que deduz da carta propriamente dita?

Examinei cuidadosamente a caligrafia e o papel usado.

— O autor da carta é provavelmente um homem de posses — comentei, querendo imitar o método do meu amigo. — Não se compra papel deste por pouco dinheiro. É especialmente forte e denso.

— Precisamente — disse o Holmes. — Não é papel inglês. Observe-o em contraluz.

Eu assim fiz, e vi um *E* maiúsculo, seguido de um *g* minúsculo, de um *P* maiúsculo, um *G* maiúsculo e um *t* minúsculo, todos eles gravados no interior do papel.

— O que lhe ocorre ao ver essas letras? — perguntou o Holmes.

— É o nome do fabricante de papel, sem dúvida. Ou melhor, o seu monograma.

— Não, nada disso. O *G* e o *t* vêm de *Gesellschaft*, que, em alemão, significa «Companhia». É uma abreviatura normal, como a nossa «Co.» O *P* vem, claro, de *Papier*, papel. Passemos agora ao *Eg*. Consultemos a nossa enciclopédia geográfica — e tirou da

prateleira um calhamaço castanho. — Eglow, Eglonitz... ora aqui está, Egria. Situa-se numa zona de língua alemã, a Boémia. Não dista muito de Carlsbad. «Conhecida por ser o local de morte de Wallenstein e pelas suas muitas fábricas de vidro e de papel.» Ah! E agora, meu caro, o que pensa disso?

Os olhos brilharam-lhe quando tirou o cigarro da boca e soltou uma grande e triunfante nuvem de fumo azul.

— O papel foi fabricado na Boémia — disse eu.

— Exato. E o homem que escreveu a carta é alemão. Reparou na estranha construção da frase «E por fonte segura isso foi-nos confirmado.» Um francês ou um russo não a teriam escrito assim. Só um alemão trata os verbos de forma tão grosseira. Portanto, resta apenas descobrir o que quer este alemão que usa papel feito na Boémia e prefere usar máscara a mostrar a cara. E, se não estou em erro, aí vem o homem que porá fim a todas as nossas dúvidas.

Assim que acabou de falar, ouviu-se o som agudo de cascos de cavalo e de rodas a chiar junto ao passeio, seguindo-se um puxão brusco da sineta. O Holmes assobiou.

— Pelo som, são dois — disse ele. Olhou pela janela e continuou: — Sim. Uma bela carruagem e dois lindos cavalos. Uma pipa de massa por cada um. Este caso cheira a dinheiro, Watson. Se mais não houver, pelo menos, dinheiro não falta.

— Acho melhor ir-me embora, Holmes.

— Nem pensar nisso, Dr. Fique onde está. Não sou nada sem o meu biógrafo. E isto promete ser interessante. Seria uma pena perder o espetáculo.

— Mas o seu cliente...

— Deixe lá o cliente. Posso precisar da sua ajuda, por isso, ele também pode precisar de si. Aí vem ele. Sente-se na poltrona, Dr., e preste atenção.

Os passos lentos e pesados que se tinham feito ouvir nas escadas e no corredor pararam de imediato diante da porta, na qual alguém deu uma pancada ruidosa e autoritária.

— Entre! — disse o Holmes.

O homem que entrou na sala não teria muito menos de dois metros de altura e era dono de um peito e de membros dignos de um Hércules. As suas roupas eram tão exuberantes e luxuosas que, em Inglaterra, seriam tidas como de mau gosto. Tinha faixas de astracã nas mangas e na parte frontal do seu casaco, e o manto azul-escuro que usava sobre os ombros estava debruado a seda cor de fogo e preso ao pescoço por um alfinete que consistia numa única esmeralda cintilante. As botas — que lhe chegavam até à barriga das pernas — eram adornadas por pelo castanho, o que dava um toque final de riqueza bárbara a todo o conjunto. Tinha um chapéu de aba larga na mão, e usava uma máscara preta que, pelos vistos, pusera nesse preciso instante, porque tinha ainda a mão no ar quando entrou. A máscara cobria-lhe os olhos e as maçãs do rosto, e com base na parte inferior do mesmo, parecia ser um homem de carácter forte — tinha lábios grossos e um queixo comprido e estreito que sugeria uma determinação que roçava a teimosia.

— Recebeu a minha carta? — perguntou ele com uma voz rouca e grave e um sotaque alemão muito carregado. — Avisei-o de que o vinha visitar.

Olhou alternadamente para cada um de nós, como se não soubesse ao certo a qual se dirigir.

— Sente-se, por favor — disse o Holmes. — Este é o Dr. Watson, meu amigo e colega, que tem por vezes a bondade de me ajudar com os casos. Com quem tenho a honra de estar a falar?

— Pode chamar-me conde Von Kramm. Sou um nobre da Boémia. Segundo compreendo, este senhor seu amigo é um homem honrado e discreto, a quem posso confiar um assunto da maior importância. Se assim não for, prefiro falar consigo a sós.

Levantei-me para me retirar, mas o Holmes segurou-me pelo pulso e fez-me sentar novamente na poltrona.

— Ou fala com os dois ou não fala com ninguém — disse ele. — Pode contar a este senhor tudo aquilo que me queira contar.

O conde encolheu os seus ombros largos.

— Sendo assim, começo — disse ele — por exigir a ambos sigilo absoluto durante dois anos. Depois, tanto faz, já não terá importância. De momento, não exagero se disser que pode, de facto, influenciar a História europeia.

— Tem a minha palavra — disse o Holmes.

— E a minha.

— Desculpem-me a máscara — continuou o estranho visitante. — A excelentíssima pessoa a quem estou a prestar um serviço deseja que o seu agente vos seja desconhecido, e devo confessar de imediato que o título de conde que acabei de me conceder não me pertence.

— Já tinha percebido isso — disse friamente o Holmes.

— As circunstâncias são de extrema delicadeza, e há que tomar todas as providências para acalmar o que se pode vir a tornar um escândalo enorme e comprometer uma das famílias reais da Europa. Para ser franco, o assunto diz respeito à grande Casa de Ormstein, reis herdeiros da Boémia.

— Também já tinha percebido isso — murmurou o Holmes, que se sentou na poltrona e fechou os olhos.

O nosso visitante olhou, com surpresa, para o homem descontraidamente sentado que lhe fora descrito como a mente mais acutilante e enérgica da Europa. O Holmes reabriu lentamente os olhos e fitou o seu interlocutor com impaciência.

— Se Sua Majestade fizesse o obséquio de me explicar o seu problema — disse ele —, sentir-me-ia mais apto a auxiliá-la.

O homem levantou-se da poltrona com um salto e caminhou pela sala com uma agitação descontrolada. Depois, num gesto de desespero, arrancou a máscara e atirou-a ao chão.

— Tem razão — disse ele —, sou o rei. Para quê escondê-lo?

— Sim, para quê? — murmurou o Holmes. — Sua Majestade ainda não abrira a boca e eu já sabia que estava perante Wilhelm Gottsreich Sigismund von Ormstein, grão-duque de Cassel-Felstein e rei da Boémia.

— Mas decerto compreenderá — disse o nosso estranho visitante, sentando-se novamente e passando uma mão pela sua testa alta e pálida — que não estou habituado a tratar destes assuntos em pessoa. No entanto, a questão é tão delicada que não podia confiá-la a nenhum intermediário sem me pôr à sua mercê. Viajei anonimamente de Praga até cá só com o intuito de lhe pedir ajuda.

— Então peça-a, se faz favor — disse o Holmes, fechando de novo os olhos.

— Em resumo, os factos são estes: há cerca de cinco anos, durante uma estadia prolongada em Varsóvia, conheci a Irene Adler, a famosa aventureira. Conhece o nome, de certeza.

— Faça-me o favor de a procurar nos meus arquivos, Dr. — murmurou, sem abrir os olhos, o Holmes.

Como tinha adotado, há já muitos anos, um sistema de arquivamento de dados relativos a pessoas e coisas, era raro o assunto ou indivíduo de que não pudesse fornecer informações. Assim, encontrei a biografia da mulher entre a de um rabi hebreu e a de um comandante militar que escrevera um livro sobre os peixes de águas profundas.

— Deixe-me ver isso! — disse o Holmes. — Hum! Nasceu em Nova Jérsia em 1858. Contralto... hum! *La Scala*... hum! *Prima dona* na Ópera Imperial de Varsóvia... Sim! Retirou-se dos palcos das artes operáticas... Ah! Vive em Londres... não me digam! Segundo entendo, Sua Majestade envolveu-se com esta jovem, escreveu-lhe algumas cartas comprometedoras, e deseja agora recuperar as referidas cartas, não é?

— Exato. Mas como...?

— Casaram-se em segredo?

— Não.

— Não há documentos nem certificados legais?

— Não, nada.

— Bem, então não compreendo Sua Majestade. Como é que esta jovem provaria que as suas cartas são verdadeiras, caso pretendesse usá-las para o chantagear, por exemplo?

— Pela caligrafia.

— Ora, ora! Pode ser falsificada.

— Através do meu papel de carta privado.

— Roubado.

— Com o meu brasão.

- Imitação.
- Com a minha fotografia.
- Comprada.
- Aparecemos juntos na fotografia.
- Oh, céus! Isso é péssimo! Foi imprudente da sua parte.
- Estava fora de mim... louco.
- Comprometeu-se seriamente.
- Na altura eu era apenas o príncipe herdeiro. Era novo... ainda agora só tenho 30.
- Há que recuperar a carta.
- Já o tentámos e não conseguimos.
- Sua Majestade tem de pagar. Temos de a comprar.
- Ela não a quer vender.
- Então terá de ser roubada.
- Já o tentámos cinco vezes. Em duas ocasiões, alguns assaltantes reviraram-lhe a casa, a meu mando. Noutra ocasião, desviámos-lhe a bagagem quando ela estava em viagem. E foi assaltada à mão armada duas vezes. Sempre sem sucesso.
- Nem sinal da fotografia?
- Nada, nenhum vestígio.
- O Holmes riu-se.
- É um problema engraçado — disse ele.
- Mas muito grave para mim — retorquiu, em jeito de reprovação, o rei.
- Sim, gravíssimo, de facto. E o que pretende ela fazer com a fotografia?
- Arruinar-me.
- Mas como?

— Estou em vias de me casar.

— Sim, já me constou.

— Com Clotilde Lothman von Saxe-Meningen, segunda filha do rei da Escandinávia. Conhece certamente os princípios estritos da sua família. Ela é a delicadeza em pessoa. A mais pequena sombra de dúvida no que concerne à minha conduta poria fim a toda a relação.

— E a Irene Adler?

— Ameaça enviar-lhe a fotografia. E fá-lo-á. Tenho a certeza de que o fará. Não a conhece, mas posso assegurar-lhe que tem nervos de aço e um coração gélido. Tem o rosto da mais bela mulher e a mente do homem mais determinado. É capaz de tudo para que não me case com outra mulher... De tudo.

— Tem a certeza de que ela ainda não enviou a fotografia?

— Tenho.

— Porquê?

— Porque me disse que ia enviá-la no dia em que se anunciasse publicamente o noivado. Ou seja, na próxima segunda-feira.

— Então ainda temos três dias — disse o Holmes, soltando um bocejo. — Está com sorte, porque de momento tenho de tratar de um ou dois assuntos importantes. Sua Majestade ficará, claro, alojada em Londres?

— Sim, claro. Pode encontrar-me no hotel Langham como conde Von Kramm.

— Está bem. Eu envio-lhe uma mensagem para lhe dar conta dos nossos desenvolvimentos.

— Sim, envie, por favor. Vou ficar muito ansioso.

— E quanto ao dinheiro?

— Tem carta-branca, gaste o que for preciso.

— A sério?

— Afianço-lhe que daria de bom grado uma das províncias do meu reino para recuperar aquela fotografia.

— E para as despesas correntes?

O rei retirou uma bolsa de couro pesada de baixo do manto e pousou-a na mesa.

— Tem aqui 300 libras em ouro e 700 em notas — disse ele.

O Holmes escreveu um recibo numa folha do seu bloco de notas e entregou-lho.

— E onde mora a senhora? — perguntou ele.

— Na moradia Briony, na Serpentine Avenue, St. John's Wood.

O Holmes anotou a morada num papel.

— Só mais uma pergunta — disse ele. — É uma fotografia de 10 por 15 centímetros?

— Sim.

— Então boa noite, Sua Majestade. Acredito que em breve teremos boas notícias a dar-lhe. E boa noite, Watson — acrescentou ele quando a carruagem real começou a descer a rua. — Se fizer o favor de me visitar amanhã às 15 horas, terei todo o prazer em discutir este assunto consigo.

II

Cheguei à Baker Street às 15 horas em ponto, mas o Holmes ainda não regressara a casa. A senhoria disse-me que ele tinha saído pouco depois das 8 horas. Sentei-me junto à lareira enquanto

aguardava que chegasse, por mais longa que fosse a espera. O seu caso mais recente já me interessava muitíssimo, porque embora não tivesse as características obscuras e estranhas associadas aos dois crimes que já mencionei, a natureza do caso e o estatuto elevado do seu cliente davam-lhe um charme muito próprio. E, na verdade, além da natureza peculiar da investigação que o meu amigo tinha em mãos, havia algo na forma como lidava com uma situação, no seu raciocínio incisivo e apurado, que me dava um prazer analisar o seu método de trabalho e as manobras rápidas e subtis com que solucionava os maiores mistérios. Eu estava tão habituado ao seu constante sucesso que nem me passava pela cabeça que ele pudesse falhar.

Eram quase 16 horas quando a porta se abriu e um moço de estrebaria aparentemente embriagado, sujo e com grandes suíças, um rosto entusiasmado e roupas com mau aspeto entrou na sala. Embora habituado à grande capacidade de disfarce do meu amigo, tive de olhar bem três vezes antes de ter a certeza de que era ele. Acenou-me e entrou no seu quarto, de onde saiu, cinco minutos depois, com um fato e um aspeto muito respeitável. Enfiou as mãos nos bolsos, esticou as pernas diante da lareira acesa e riu alegremente durante alguns minutos.

— Bem, nem lhe conto! — disse ele, e logo se engasgou. Riu de novo até se ver obrigado a encostar-se, sem forças, na poltrona.

— O que foi?

— Tem mesmo muita piada. Aposto que não adivinha como passei a minha manhã, e o que acabei por fazer.

— Não faço ideia. Presumo que tenha estado a observar os hábitos, e talvez a casa, da menina Irene Adler.

— Exato. Mas a história teve um seguimento bastante invulgar. Já lhe conto o que aconteceu. Bom, de manhã saí de casa pouco depois das 8 horas. Disfarcei-me de moço de estrebaria desempregado. Há uma certa empatia ou camaradagem entre os homens que trabalham com cavalos, o que é maravilhoso. Quando pertencemos ao grupo, descobrimos tudo o que há para descobrir. Depressa encontrei a moradia Briony. É uma bela casinha de dois andares e com jardim nas traseiras, mas está mesmo à beira da estrada. Tem uma fechadura de segurança na porta. Uma sala de estar à direita, bem mobilada, com janelas altas quase até ao chão, e aqueles ridículos fechos de janela à inglesa que até uma criança conseguiria abrir. Atrás, não tinha nada digno de nota, exceto a janela do corredor, a que se consegue chegar a partir do telhado do barracão onde guardam as carruagens. Dei-lhe a volta e observei-a com atenção de todos os locais, sem, no entanto, reparar em nada de interessante.

» Em seguida, comecei a vaguear pela rua e descobri, como esperava, que havia umas cavalações numa ruela lateral a um dos muros do jardim. Ajudei os rapazes a escovar os cavalos e, em troca, deram-me uns trocos, um copo de cerveja, algum tabaco de má qualidade e toda a informação que eu poderia desejar acerca da menina Adler, isto para não falar de meia dúzia de outras pessoas da vizinhança por quem eu não tinha o mínimo interesse, mas cujas biografias fui obrigado a ouvir.

— E o que descobriu sobre a Irene Adler? — perguntei.

— Oh, deu a volta à cabeça de todos os homens da região. É a coisinha mais engraçada do mundo quando usa a sua boininha. Pelo menos é o que dizem nas cavalações da Serpentine. Leva uma

vida pacata, canta em concertos, sai diariamente de carruagem às 17 horas e regressa às 19 em ponto para jantar. Raramente sai a outras horas, exceto quando vai cantar. Só recebe visitas de um homem, que, contudo, aparece por lá com muita frequência. É um sujeito moreno, bonito e vistoso, nunca faz menos de uma visita por dia, às vezes duas. Consta que é um tal Sr. Godfrey Norton, do Inner Temple. Repare só nas vantagens de ter um cocheiro como confidente. Os rapazes levaram-no das cavaliças da Serpentine a casa uma dúzia de vezes e sabem tudo o que há para saber sobre ele. Depois de ouvir tudo o que tinham para me contar, comecei a andar de um lado para o outro diante da moradia Briony, para planejar os meus próximos passos.

» Concluí que o tal Godfrey Norton era, sem dúvida, um elemento importante da história. É advogado. Pareceu-me mau preságio. Qual era relação entre ambos, e porque é que a visitava tantas vezes? Ela era sua cliente, amiga ou amante? Se fosse cliente, ter-lhe-ia provavelmente entregado a fotografia. Se fosse amante, era menos provável que o tivesse feito. Por isso, era importante saber qual a verdadeira relação entre eles para determinar se deveria continuar a trabalhar na moradia Briony ou transferir a minha atenção para o alojamento do cavaleiro no Temple. Era um assunto delicado, que alargou o campo das minhas pesquisas. Temo aborrecê-lo com tantos detalhes, mas tenho de lhe fazer ver todas as pequenas dificuldades com que me deparei para que compreenda a situação.

— Estou a segui-lo com atenção — respondi.

— Ponderava ainda no assunto quando uma carruagem de aluguer parou diante da casa e dela saiu um senhor. Era um homem

incrivelmente bem-parecido, moreno, magro e com bigode, ou seja, obviamente o homem de quem eu tinha ouvido falar. Parecia estar com muita pressa, gritou ao cocheiro que esperasse e passou pela criada que lhe abriu a porta com ar de quem se sentia em casa.

» Passou cerca de meia hora lá dentro, e vislumbrei-o algumas vezes pelas janelas da sala de estar, onde andou de um lado para o outro, enquanto falava muito exaltado e esbracejava sem parar. A ela não a vi. Pouco depois, ele saiu de casa, e parecia ainda mais apressado e nervoso do que antes. Ao subir para a carruagem, tirou um relógio de ouro do bolso e fitou-o com atenção. «Conduza como se tivesse o Diabo à perna», gritou ele, «primeiro para o escritório da Gross & Hankey na Regent Street e, depois, para a igreja de St. Monica, na Edgware Road. Dou-lhe meio guinéu se lá chegar em 20 minutos!»

» Eles foram-se embora e eu perguntava-me se não seria melhor segui-los quando uma bela carruagem apareceu na rua lateral. O cocheiro tinha o casaco meio aberto e a gravata debaixo da orelha, e todas as fivelas dos arreios estavam mal apertadas. A carruagem ainda não parara e já ela saía a correr pela porta da frente de casa e entrava no veículo. Mal a vi, mas consegui perceber quão encantadora era, e dona de um rosto capaz de levar um homem à morte. «Para a igreja de St. Monica, John», gritou ela, «e dou-te meia libra de ouro se lá chegares em 20 minutos.»

» Ia ser um espetáculo demasiado bom para que o perdesse, Watson. Estava a pensar se deveria correr atrás dela ou agarrar-me à traseira da carruagem e viajar à boleia quando apareceu uma carruagem de aluguer na rua. O cocheiro olhou com desconfiança para um cliente tão desleixado, mas saltei lá para dentro antes que

pudesse levantar objeções. «Para a igreja de St. Monica», disse-lhe, «e dou-lhe meia libra de ouro se lá chegar em 20 minutos. Faltavam 25 minutos para o meio-dia, e já estava a ver que caldinho estavam a preparar.»

» O meu cocheiro conduziu depressa. Acho que nunca viajei tão depressa, mas os outros chegaram antes de nós. As carruagens deles estavam, com os seus cavalos estafados, à frente da porta quando eu cheguei. Paguei ao homem e corri para dentro da igreja. Não vi viva alma, à exceção das duas pessoas que eu tinha seguido e de um pároco vestido de branco, que parecia estar a discutir com eles. Estavam os três juntinhos à frente do altar. Percorri uma das alas como se fosse um qualquer visitante da igreja. De repente, para minha surpresa, viraram-se para mim, e o Godfrey Norton correu a toda a velocidade na minha direção.

«Graças a Deus!», gritou ele. «Você serve. Venha! Venha!»

«Fazer o quê?», perguntei.

«Venha, homem, venha. São só três minutos, ou não é legal.»

» Fui praticamente arrastado até ao altar e, quando me apercebi, já estava a murmurar palavras que me sussurravam ao ouvido, e a confirmar coisas de que nada sabia, e, em geral, a permitir o enlace entre Irene Adler, solteira, e Godfrey Norton, também ele solteiro. Foi tudo feito num ápice, e o senhor agradecia-me de um lado, a senhora do outro, e o padre falava-me à frente. Nunca me vi em posição tão absurda em toda a minha vida, e foi por pensar nisso que me ri ainda há pouco. Parece que havia uma irregularidade qualquer nos documentos deles, e que o padre se recusava a casá-los sem uma testemunha, e que o meu feliz aparecimento evitou que o noivo tivesse de correr pelas ruas à procura de um padrinho.

A noiva deu-me uma libra de ouro, e pretendo usá-la no meu relógio de bolso, como recordação.»

— Quem diria? Mas que coisa tão inesperada — disse eu. — E, depois, o que aconteceu?

— Bem, os meus planos pareciam correr sérios riscos. O casal podia partir de imediato, o que requeria medidas céleres e enérgicas da minha parte. No entanto, eles separaram-se à porta da igreja: ele voltou ao Temple, ela, para casa. «Vou ao parque às 17 horas, como habitualmente», disse ela ao despedir-se. Não consegui ouvir mais nada. Seguiram em direções diferentes, cada qual na sua carruagem, e eu vim para casa, de modo a fazer os meus preparativos.

— E que preparativos são esses?

— Carne fria e um copo de cerveja — respondeu ele, e tocou a sineta. — Estive demasiado ocupado para pensar em comida, e é provável que fique ainda mais ocupado hoje à noite. Já agora, Dr., gostaria de contar com a sua ajuda.

— Com todo o gosto.

— Não se importa de infringir a lei?

— Nem um pouco.

— Nem de correr o risco de ser preso?

— Se for por uma boa causa, não.

— Oh, a causa é excelente!

— Então sou o homem que procura.

— Bem me parecia que podia contar consigo.

— Mas o que deseja de mim?

— Explico-lhe tudo assim que a Sra. Turner me trouxe o tableiro. Portanto... — começou ele, lançando um olhar esfomeado

à refeição singela que a senhoria lhe trouxera — tenho de lhe contar tudo enquanto como, porque o tempo escasseia. Já são quase 17 horas. Temos de estar no local de ação daqui a duas horas. A menina ou, para ser mais correto, a Sra. Irene regressa do seu passeio às 19. Temos de nos encontrar com ela na moradia Briony.

— E o que vamos lá fazer?

— Tem de confiar em mim. Já tenho tudo em andamento. Só tenho de insistir numa coisa: não pode interferir em nada, aconteça o que acontecer. Compreende?

— Devo manter-me quase invisível?

— Exatamente. É provável que aconteça algo de desagradável. Não se intrometa. Conto que tudo sirva para que me abram as portas da casa. Quatro ou cinco minutos depois, a janela da sala de estar vai ser aberta. Deve ir para junto dessa janela aberta.

— Sim.

— Fique atento, porque vai conseguir ver-me.

— Certo.

— E quando eu levantar a mão... vai atirar para dentro da sala o que eu lhe der para atirar e, ao mesmo tempo, gritar «fogo». Está a perceber-me?

— Completamente.

— Não é nada de extraordinário — disse, e tirou um rolo comprido em forma de charuto do bolso. — É um vulgar foguete de fumo com uma acendalha em cada ponta, para permitir que entre em ignição. A sua tarefa é apenas essa. Quando gritar «fogo», vai chamar a atenção de muita gente. Nessa altura, vai até ao fundo da rua, e eu junto-me a si dez minutos depois. Fiz-me entender?

— Devo manter-me invisível, aproximar-me da janela, observá-lo e, ao seu sinal, atirar este objeto para dentro da casa, e depois gritar «fogo» e esperar por si na esquina da rua.

— Exato.

— Então pode, sem dúvida, contar comigo.

— Ótimo, ótimo. Acho que talvez esteja quase na altura de me preparar para o novo papel que tenho de representar.

O Holmes fechou-se no seu quarto e regressou, alguns minutos depois, disfarçado de pastor protestante amistoso e simplório. O seu grande chapéu preto, as suas calças largas, a sua gravata branca, o seu sorriso simpático e o aspeto geral de curiosidade benevolente eram tais que só um grande ator poderia ter alcançado semelhante feito. Sim, porque o Holmes não se limitou a mudar de indumentária. A sua expressão, a sua alma, os seus gestos pareciam modificar-se e adaptar-se a cada novo papel que assumia. Os palcos perderam um belo ator, e a ciência, um grande investigador quando ele se especializou em criminologia.

Eram 18h15 quando saímos da sua casa na Baker Street, e ainda faltavam dez minutos para a hora marcada quando chegámos à Serpentine Avenue. Já estava a escurecer e tinham acabado de acender os candeeiros de rua. Pusemo-nos a andar de um lado para o outro diante da moradia Briony enquanto esperávamos a chegada da sua residente. A casa era tal qual a imaginara com base na descrição sucinta do Holmes, mas o local parecia ser menos sossegado do que eu havia esperado. Pareceu-me uma zona invulgarmente animada, tendo em conta que era uma rua pequena num bairro pacato. Numa esquina estava um grupo de maltrapilhos a fumar e a rir-se, e vi também um amolador de tesouras com a sua roda,

dois guardas a namoriscar uma ama e muitos jovens bem vestidos a deambular com charutos na boca.

— Repare — comentou o Holmes, enquanto caminhávamos diante da casa —, este casamento acaba por simplificar o assunto. A fotografia tornou-se agora uma faca de dois gumes. É provável que a vontade da Sra. Irene de que o Sr. Godfrey Norton veja a fotografia seja tão reduzida quanto a do nosso cliente que a sua princesa lhe ponha os olhos em cima. Ora, a questão é: onde está a fotografia?

— Sim, onde?

— É pouco provável que ande com ela por aí. É uma fotografia de 10 por 15 centímetros, ou seja, grande demais para que se consiga escondê-la facilmente debaixo de um vestido de senhora. Ela sabe que o rei é homem para a mandar assaltar e revistar. Já o tentaram duas vezes. Podemos, portanto, concluir que ela não se faz acompanhar dela.

— Onde está, então?

— No banco ou com o advogado. Mas estou mais inclinado a pensar que não está em nenhum. As mulheres gostam, por natureza, de manter segredos, e gostam de os manter à sua maneira. Porque é que ela havia de entregar a fotografia a outra pessoa? Podia confiar na sua capacidade para a guardar em segredo, mas não sabia que influência indireta ou política poderia exercer sobre um homem de negócios. Além disso, lembre-se de que ela tinha como intenção usá-la dentro de alguns dias. Tem de estar num local onde lhe possa deitar rapidamente as mãos. Tem de estar em casa dela.

— Mas já assaltaram a casa duas vezes.

— Oh! Não sabiam onde procurar.

— Mas como é que a vai procurar?

— Não vou.

— E então?

— Vou fazer com que ela ma mostre.

— Mas ela vai recusar-se a mostrar-lha.

— Não vai poder recusar-se. Espere... ouço rodas na calçada. É a carruagem dela. Não se esqueça de seguir à risca as minhas indicações.

Ele ainda não tinha acabado de falar e já se vislumbravam as lanternas laterais de uma carruagem, que dobrou a esquina da avenida. A pequena e bonita carruagem parou à porta da moradia. Assim que estacionou, um dos desocupados na esquina acorreu à carruagem para lhe abrir a porta com a esperança de ganhar uns cobres, mas foi empurrado à cotovelada por outro desocupado, que ali ocorrera com o mesmo intuito. Originou-se, por conseguinte, uma rixa, e a confusão só aumentou com a intervenção dos dois guardas, que tomaram o partido de um dos desocupados, e com a entrada em ação do amolador de tesouras, que defendeu com fervor a outra parte. Alguém desferiu um golpe e, de repente, a senhora, que saíra da sua carruagem, viu-se no meio de um grupo de homens que se agrediam selvaticamente uns aos outros ao soco e à paulada. O Holmes lançou-se para o centro da confusão, de modo a proteger a senhora, mas, assim que a alcançou, soltou um grito e caiu ao chão de rosto ensanguentado. Ao verem-no caído, os dois guardas fugiram numa direção, e os desocupados noutra, e algumas pessoas mais bem vestidas, que haviam assistido à escaramuça sem nela tomarem parte, aproximaram-se para ajudar a senhora e prestar socorro ao ferido. A Irene Adler (como ainda lhe

chamo) tinha subido as escadas da frente num ápice, mas deixou-se ficar a olhar para a rua — o seu perfil lindíssimo delineado em contraste com as luzes do átrio.

— Esse pobre senhor está muito ferido? — perguntou ela.

— Morreu — gritaram diversas vozes.

— Não, não, ainda tem um sopro de vida! — bradou alguém.

— Mas vai finir-se antes que o consigam levar para o hospital.

— É um sujeito corajoso — disse uma mulher. — Aqueles sacaninhas teriam roubado a mala e o relógio da senhora se não fosse por ele. São um bando, e dos maus. Ah, está a respirar.

— Ele não pode ficar estendido na rua. Podemos levá-lo para dentro de sua casa, minha senhora?

— Com certeza. Levem-no para a sala de estar. Tenho lá um sofá confortável. Por aqui, façam o favor!

Transportaram-no lenta e pomposamente para dentro da moradia Briony e deitaram-no na sala principal. Observei todos os acontecimentos do meu posto de vigia junto à janela. Como as luzes estavam ligadas e não haviam fechado as cortinas, pude ver o Holmes estendido no sofá. Não sei se ele se sentiu mal pelo papel que representava nesse momento, mas tenho a certeza de que nunca me senti tão envergonhado por participar numa conspiração ao ver uma mulher tão bonita e a gentileza com que cuidava do ferido. No entanto, trairia o Holmes se me recusasse a cumprir o que ele me havia pedido. Empederni o meu coração e tirei o foguete da algibeira. *No fim de contas, pensei eu, não a vamos magoar. Estamos apenas a evitar que magoe outra pessoa.*

O Holmes tinha-se sentado no sofá, e vi-o mexer-se como se precisasse de apanhar ar. Uma criada abriu de imediato a janela.

Nesse preciso instante, vi-o erguer a mão e, ao ver o sinal dele, atirei o foguete para dentro da sala e gritei «fogo!». Ainda mal tinha dito a palavra e já todos os espetadores — os janotas, os moços de estrebalaria e as criadas — tinham começado a gritar também «fogo!». Algumas nuvens de fumo espessas saíram da sala pela janela aberta. Vislumbrei diversos vultos apressados e, pouco depois, ouvi o Holmes assegurar-lhes que era falso alarme. Abri caminho por entre a algazarra da multidão para me dirigir à esquina da rua, e dez minutos depois dei graças por dar o braço ao meu amigo e me afastar daquele cenário tão turbulento. Ele caminhou depressa e em silêncio até, alguns minutos depois, virarmos para uma das ruas sossegadas que conduzem à Edgware Road.

— Portou-se muito bem, Dr. — disse ele. — Não podia ter corrido melhor. Está tudo resolvido.

— Já tem a fotografia?

— Sei onde está.

— E como é que descobriu?

— Ela mostrou-ma, tal como lhe disse que ia fazer.

— Continuo sem perceber.

— Não quero fazer disto um mistério — disse ele, rindo. — Foi muito simples. Como terá certamente percebido, todas as pessoas que estavam na rua foram nossas cúmplices. Todas contratadas para a atuação desta noite.

— Bem me pareceu.

— Quando começaram ao soco, eu tinha um pouco de tinta vermelha na palma da mão. Avancei, atirei-me para o chão, bati com a mão na cara e pus-me naquele estado lastimável. É um velho truque.

— Até aí cheguei eu.

— Depois, levaram-me para dentro de casa. Ela foi obrigada a deixar-me entrar. O que mais podia ela fazer? E mandou levarem-me para a sala de estar, ou seja, exatamente a divisão de que eu suspeitava. Ou era a sala ou o quarto dela, e eu estava decidido a ver em qual dos dois estava a carta. Deitaram-me num sofá, eu fiz sinais para mostrar que precisava de apanhar ar e foram obrigados a abrir a janela, e foi então que você teve a sua oportunidade.

— E em que é que aquilo o ajudou?

— Foi importantíssimo. Quando uma mulher pensa que a casa está a arder, o instinto leva-a a correr até à coisa que mais valoriza. Trata-se de um impulso irresistível, e já me aproveitei dele mais de uma vez. Foi-me útil no caso do escândalo da substituição de Darlington, e também no do castelo de Arnsworth. Uma mulher casada pega no bebé, uma solteira, na sua caixa de joias. A meu ver, a senhora de hoje não tinha nada de mais precioso em casa do que aquilo que procuramos. Iria sem dúvida salvar a fotografia. O alarme de incêndio foi muito bem dado. O fumo e a gritaria bastaram para lhe afetar os nervos de aço. A reação dela foi perfeita. A fotografia está escondida atrás de um painel amovível acima da trave da sineta direita. Ela alcançou a fotografia num instante, e eu entrevi-a quando a retirou parcialmente do esconderijo. Quando anunciei que se tratava de falso alarme, ela colocou-a novamente no local, olhou de soslaio para o foguete, correu para fora da sala, e nunca mais lhe pus os olhos em cima. Levantei-me, desculpei-me e escapuli-me da casa. Ponderei tentar apoderar-me imediatamente da fotografia, mas o cocheiro tinha entrado, e como olhou para mim com desconfiança, pareceu-me mais seguro esperar. A precipitação pode levar-nos à desgraça.

— E agora? — perguntei.

— A nossa missão está praticamente concluída. Vou visitar o rei amanhã e gostaria de contar com a sua companhia. Sere-mos conduzidos à sala de estar, para aí aguardar a senhora, mas é provável que ela não nos encontre nem à fotografia quando lá entrar. Sua Majestade pode eventualmente sentir um certo prazer ao recuperá-la com as suas próprias mãos.

— E quando é que a vai visitar?

— Logo às 8 horas. Como não vai estar a pé, vamos ter o cami-nho livre. Além disso, temos de nos despachar, porque este casa-mento pode alterar-lhe por completo a vida e os hábitos. Tenho de enviar quanto antes um telegrama ao rei.

Quando chegámos à Baker Street, parámos diante da porta para ele procurar a chave de casa nos bolsos. E foi quando um tran-seunte lhe disse:

— Boa noite, Sr. Sherlock Holmes.

Naquele momento, estavam várias pessoas no passeio, mas a saudação pareceu partir de um jovem magro com um sobretudo que por ali passou a correr.

— Já ouvi esta voz — disse o Holmes, que olhou para o fundo da rua mal iluminada. — Quem raio seria?

III

Nessa noite, dormi na Baker Street, e de manhã estávamos a tomar as nossas torradas com café quando o rei da Boémia entrou apressadamente na sala.

— Apanhou-a! — gritou ele, e apertou o ombro do Holmes para o olhar ansiosamente nos olhos.

— Ainda não.

— Mas espera apanhá-la?

— Sim.

— Então venha. Estou mortinho por me ir embora.

— Temos de chamar uma carruagem.

— Não é preciso, tenho a minha carruagem à espera.

— Bem, isso simplifica a questão.

Saímos de casa e partimos imediatamente rumo à moradia Briony.

— A Irene Adler casou-se — disse o Holmes.

— Casou-se?!... Quando?

— Ontem.

— Mas com quem?

— Com um advogado inglês chamado Norton.

— Mas estará apaixonada por ele?

— Espero bem que sim.

— Porquê?

— Porque, nesse caso, Sua Majestade nunca mais teria de reear aborrecimentos futuros. Se a senhora ama o marido, não ama Sua Majestade. Se não amar Sua Majestade, não terá motivo para interferir com os seus planos.

— Sim, tem razão. E, no entanto... Bem! Quem me dera que ela pertencesse ao meu estrato social! Teria dado uma rainha e peras!

Então, ficou meio melancólico e apenas saiu desse estado quando entrámos na Serpentine Avenue.

Sherlock Holmes é o detetive mais conhecido e fascinante da literatura universal.

Arthur Conan Doyle foi um escritor excepcional por várias razões: contava histórias de forma notável, escreveu muitos livros de géneros diferentes e criou uma dupla de personagens inesquecíveis. Na verdade, sempre que pensamos no genial Sherlock Holmes, vem-nos à memória o seu fiel amigo, o Dr. Watson.

Neste livro estão reunidos alguns dos melhores contos policiais de Conan Doyle, passados em Inglaterra, no final do século XIX, e contados, na primeira pessoa, pelo Dr. Watson. Participante e observador atento, este narrador regista com admiração algumas das aventuras do seu amigo que não deixam de o surpreender. A cada passo vamos assistindo à mestria de Sherlock Holmes para resolver os mais incríveis mistérios que lhe vão bater à porta.

As emocionantes histórias vividas por Sherlock Holmes continuam a conquistar leitores e criadores de todas as formas de arte. Esta personagem é tão popular, que inclusivamente tem um museu dedicado à sua vida e aventuras.

«[Sherlock Holmes] foi uma invenção sublime de um médico escocês chamado Arthur Conan Doyle, senhor com tanto tempo livre que, além de policiais, escreveu romances históricos, ficção científica, teatro, poesia, livros de espiritismo e muito mais. No entanto, quem o tornou famoso foi mesmo o Sherlock Holmes.»

in Prefácio de Maria do Rosário Pedreira

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.

 <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-938-2</p> <p>13+</p>  <p>9 789897 079382</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---